



DOSSIÊ: BÍBLIA, CATEQUESE E EVANGELIZAÇÃO

Igreja Local e pequenas comunidades na dinâmica da transmissão da fé

The Local Church and small communities in the dynamics of faith transmission

La Iglesia local y las pequeñas comunidades en la dinámica de la transmisión de la fe

Rafael Martins

Fernandes¹

orcid.org/0000-0003-2416-4862
rafael.martins@pucrs.br

Recebido em: 10 jun. 2026.

Aprovado em: 18 jun. 2026.

Publicado em: 08 set. 2026.

Resumo: Neste artigo, estuda-se o papel revitalizador das pequenas comunidades nos processos de (re)iniciação à vida cristã da Igreja Local (diocese). Com uma metodologia de análise histórico-teológica de cunho sintético, escolheram-se algumas formas comunitárias paradigmáticas para o cristianismo – entre essas, a comunidade primitiva de Jerusalém de Atos 2, 42-47 –, a fim de identificar como se davam ou se dão os processos eclesiais de transmissão da fé. Essa análise sintética foi, em seguida, complementada pelo estudo dos elementos centrais da teologia da Igreja diocesana para, na última parte, explicitarem-se as principais características das pequenas comunidades no concernente à transmissão da fé na diocese. Os resultados da pesquisa foram obtidos a partir de uma releitura teológico-pastoral das formas comunitárias paradigmáticas acima elencadas, fornecendo-se pistas para a efetiva recuperação da radical forma comunitária da transmissão da fé na diocese.

Palavras-chave: Pequenas comunidades; diocese; discipulado; conversão.

Abstract: This article studies the revitalizing role of small communities in the processes of (re)initiation into Christian life within the Local Church (diocese). Using a synthetic historical-theological analytical methodology, a number of paradigmatic communal forms for Christianity were selected – among them, the primitive community of Jerusalem in Acts 2:42-47 – in order to identify how ecclesial processes of transmitting the faith occurred or still occur. This synthetic analysis was then complemented by a study of the central elements of the theology of the diocesan Church, and, in the final part, the main characteristics of small communities regarding the transmission of faith within the diocese are described. The results of the research were obtained through a theological-pastoral rereading of the paradigmatic communal forms listed above, providing insights for the effective recovery of the radical communal form of transmitting the faith in the diocese.

Keywords: Small communities; diocese; discipleship; conversion.

Resumen: En este artículo se estudia el papel revitalizador de las pequeñas comunidades en los procesos de (re)iniciación a la vida cristiana en la Iglesia local (diócesis). Mediante una metodología de análisis histórico-teológico de carácter sintético, se seleccionaron algunas formas comunitarias paradigmáticas para el cristianismo —entre ellas, la comunidad primitiva de Jerusalén en Hch 2,42-47— con el fin de identificar cómo se daban o se dan los procesos eclesiales de transmisión de la fe. Este análisis sintético fue posteriormente complementado con el estudio de los elementos centrales de la teología de la Iglesia diocesana y, en la parte final, se explicitan las principales características de las pequeñas comunidades en lo concerniente a la transmisión de la fe en la diócesis. Los resultados de la investigación se obtuvieron a partir de una relectura teológico-pastoral de las formas comunitarias paradigmáticas anteriormente mencionadas, ofreciendo orientaciones para la efectiva recuperación de la radical forma comunitaria de la transmisión de la fe en la diócesis.

Palabras clave: Pequeñas comunidades; diócesis; discipulado; conversión.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil, RS, Porto Alegre.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é estudar o papel revitalizador das pequenas comunidades nos processos de (re)iniciação à vida cristã da Igreja Local². Como ponto de partida, chamamos a atenção para a *complexidade* dos mecanismos de transmissão da fé na diocese. No cristianismo, não pensamos a fé simplesmente como um ato subjetivo, interior à pessoa (*fides qua creditur*), mas a entendemos também como o seu conteúdo objetivamente revelado em Jesus de Nazaré (*fides quae creditur*). Esse conteúdo está expresso na Tradição Apostólica e sua transmissão se dá de modo muito concreto, por meio do engajamento de toda a comunidade em favor dos novos fiéis. O ministério do bispo cumpre, nesse contexto, um papel fundamental. Como sucessor dos apóstolos, ele é o primeiro guardião da fé e o garantidor de que a Tradição seja transmitida às novas gerações de um modo integral. A palavra "católico" (do grego: *katholikos*), que significa "conforme o todo", ajuda a entender a missão do bispo na comunidade: estando ele em comunhão com *toda a Igreja* – representada na comunhão com os demais bispos, em especial o bispo de Roma –, zela para que a Tradição seja transmitida *integralmente* para *toda* a porção do povo de Deus a ele confiada. Nesse sentido, o bispo tem o dever não apenas de garantir uma catequese qualificada em sua diocese, mas de zelar para que as comunidades a ele confiadas permaneçam fiéis no anúncio e no testemunho do Evangelho, não caindo em parcialidades de cunho espiritualista, intelectualista ou ideológico-político.

A partir desse esclarecimento, fica evidente que, para refletir sobre a transmissão da fé nas pequenas comunidades, é preciso se aprofundar nos elementos da Tradição como um todo, tanto os elementos carismáticos – de teor prevalentemente subjetivo – quanto os institucionais, como os ministérios. Por isso, analisaremos a (re) iniciação à fé nas pequenas comunidades dentro

da dinâmica institucional da Igreja Local.

O Concílio Vaticano II não só reafirmou a necessidade de se transmitir integralmente o Tesouro da fé cristã, como também deixou claro que existe uma primazia na ordem de valor sobre os elementos que são constitutivos a esse tesouro. Conforme os capítulos 1 e 2 da Constituição Conciliar sobre a Igreja, *Lumen gentium* (LG), os elementos *carismáticos* e *comunitários* têm a precedência sobre os *institucionais*, pois esses últimos estão a serviço dos primeiros. Assim, no que tange ao propósito do nosso estudo, perguntamos: como integrar os elementos constitutivos da Igreja – comunidade, carismas e instituição – de modo que, no processo de evangelização, a instituição não abafe os carismas presentes nas pequenas comunidades? Aliás, a diocese poderia cumprir bem o seu papel evangelizador sem essas comunidades? E, invertendo a pergunta: a pequena comunidade poderia cumprir sua missão evangelizadora separada da diocese?

Tais questões foram levantadas muitas vezes nos últimos 60 anos no Brasil, especialmente porque as pequenas comunidades eclesiais têm sido uma aposta do episcopado para a solução do atual problema da crise da transmissão da fé na América Latina³.

Este estudo é composto por quatro partes, duas de fundamentação bíblica e histórica e outras duas voltadas a uma sistematização teológica, com desdobramentos pastorais. Na primeira seção, analisa-se o relato de At 2,42-47 sobre a comunidade primitiva de Jerusalém. Esse texto é paradigmático no que diz respeito à compreensão das bases da transmissão da fé na comunidade cristã. A segunda seção está centrada na análise das formas comunitárias de Igreja, desenvolvidas na história, e que guardam reciprocidade com a comunidade primitiva de Jerusalém. Busca-se entender como essas formas comunitárias transmitiram a fé e como se relacionam com o aspecto institucional da Igreja Local. Na terceira

² Chamamos de "Igreja Local" ou "Igreja Particular" todas as circunscrições eclesiais pastoreadas por um bispo ou um ordinário sem o caráter episcopal que cumpra as funções de governo e de ensino próprias de um sucessor dos apóstolos. No caso, a forma por excelência de Igreja Local é a diocese. Para aprofundar essas questões terminológicas, ver: Montan (2007, p. 52-56).

³ Para obter um histórico da renovação paroquial brasileira, em especial dos debates promovidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre o tema nos últimos anos, ver: Fernandes (2023).

seção, sistematiza-se os elementos teológicos da Igreja Local, chamando a atenção para a perenidade desses elementos no que tange ao cumprimento dos objetivos da Igreja, que consistem em garantir a vivência integral da fé cristã e a sua transmissão para todas as pessoas que estejam dispostas a acolher a Boa-nova. Na quarta seção, de caráter teológico-pastoral, são explicitadas as principais características eclesiais da pequena comunidade, dentro do quadro da (re)iniciação à fé na Igreja diocesana. Além disso, indicam-se algumas pistas para a conversão dos sujeitos e das estruturas diocesanas na direção do discipulado missionário feito em pequenas comunidades.

1 Comunidade primitiva de Jerusalém como paradigma na transmissão da fé

Vamos analisar o primeiro sumário da comunidade primitiva de Jerusalém (At 2,42-47)⁴, buscando encontrar ali os elementos teológicos que caracterizam a transmissão da fé nas comunidades cristãs. Como veremos, as características dessa comunidade assumiram uma conotação de perenidade no decorrer da história, revelando-se como essenciais para a definição da missão da Igreja.

Conforme Daniel Marguerat (2003, p. 125), o evangelista Lucas concebeu o primeiro sumário da comunidade cristã como desfecho do grande evento de Pentecostes. Depois da efusão do Espírito e da pregação de Pedro (At 2,1-40), Lucas narra que uma multidão aderiu à pregação apostólica, passando a viver em comunhão fraterna (At 2,41-42). O critério de adesão à comunidade foi a acolhida do anúncio querigmático, cujo conteúdo foi a proclamação da morte e ressurreição de Jesus de Nazaré e sua constituição como Senhor e Salvador. A conclusão dessa narração indica que a Páscoa de Jesus, tornada conhecida aos habitantes e peregrinos de Jerusalém pela efusão do Espírito, inaugurou uma nova realidade de salvação, na qual os ouvintes de Pedro foram convidados a ingressar pela fé, em um modo de

comunhão escatológica.

É a partir desse contexto que Lucas apresenta o primeiro sumário das ações da comunidade cristã primitiva. Em At 2,42-47, lê-se que os membros dessa comunidade

[...] eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas.

O ato de "perseverar" (π) rege as ações comunitárias: ouvir o ensinamento dos apóstolos; (viver) a comunhão fraterna; (celebrar) a fração do pão – eucaristia – e a prática das orações (Fabris, 1991, p. 115-118). A perseverança faz referência à fidelidade da comunidade no compromisso assumido e indica a prontidão na espera pela realização definitiva da salvação de Cristo no fim dos tempos, conforme a promessa contida em At 1,11. Entende-se que as ações são provisórias, pois garantem a presença misteriosa do próprio Senhor enquanto Ele não voltar. Não são ações mágicas, nem extraordinárias; são de grande singeleza, inseridas na caducidade do cotidiano. Aliás, são tão simples que parecem inúteis. Contudo, quem as observa atentamente percebe que no seu âmago existe uma bondade e uma beleza tão excelentes que plenificam a realidade marcada por fragilidades humanas e perseguições. Pensa-se na simplicidade do pão partido para celebrar a memória da entrega do Senhor, realizando a comunhão com o próprio Cristo e os irmãos pela fé. Ou, igualmente, analisa-se o fato de pessoas de diferentes etnias considerarem tudo o que possuíam em comum para viverem como irmãos (At 2,45), expressando, conforme

⁴ Atos dos Apóstolos apresenta três sumários da comunidade primitiva de Jerusalém: At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16. O primeiro, objeto de nosso estudo, é o mais detalhado.

Ratzinger (2005, p. 11-55), uma fraternidade inaudita no mundo conhecido da época.

Não é nosso objetivo refletir sobre cada um dos versículos de At 2,42-47. O propósito é mostrar que as quatro ações narradas, no seu conjunto, constituem a base permanente para a iniciação à fé cristã. A Igreja, no Concílio Vaticano II, chamou a atenção para isso ao retomar o catecumenato comunitário dos primeiros séculos. No catecumenato, o *ensino da Palavra* é ministrado ao lado do *culto*, das *orações* e da *comunhão fraterna*. Desse modo, propiciam ao iniciante a internalização das três regras fundamentais da fé: a *lex credendi* (doutrina apostólica), a *lex orandi* (sacramentos, orações) e a *lex vivendi* (vida fraterna). Não se pode absolutizar uma dessas ações/regras em detrimento das outras. A perícopes em questão nos mostra que tais ações são inseparáveis.

A partir da noção acima explicitada, de que as ações da comunidade primitiva constituem regras para a transmissão da fé, assinalamos agora outras convicções também extraídas da dinâmica comunal do livro de Atos dos Apóstolos. Em primeiro lugar, destacamos que a vida fraterna é decorrência da pregação dos apóstolos. A Palavra de reconciliação em Cristo, pronunciada por Pedro, reuniu pessoas e gerou uma comunidade escatológica que é sinal e instrumento do desígnio de Deus de reunir todos os povos em uma única família. Em segundo, afirmamos que a comunhão não constituiu um elemento extrínseco à vida cristã, algo que pudesse ser

optativo aos novos fiéis. Pelo contrário, pertence à essência da Igreja. Conforme indica Haulotte (1977 *apud* Marguerat, 2003, p. 126), a fraternidade descrita no sumário de Atos é a manifestação da “última fase do Pentecostes”, isto é, a vida fraterna apresenta-se como decorrência da ação transbordante do Espírito Santo na Igreja e continuará a ser o ideal perseguido pelos apóstolos na missão de transmitir a Palavra. Em terceiro lugar, a comunhão de vida da comunidade primitiva não implicou um modo uniforme e sectarista de transmitir a fé, mas criativo e missionário. Os capítulos subsequentes à perícopes em questão apontam para uma dinâmica missionária que provocará a criação de novos ministérios e a adaptação da mensagem da fé às culturas locais onde o cristianismo foi acolhido (At 6,1-7; 10; 13-15). Em quarto, a comunhão de vida na Igreja de Jerusalém guardou uma reserva escatológica, não sendo um ideal completamente atingido pelos primeiros cristãos. Isso é narrado por Lucas em At 5,1-11, no caso da ganância e da mentira de Ananias e Safira sobre a venda de um terreno. Ter consciência das próprias fragilidades e dos pecados dos irmãos de comunidade é fundamental para evitar a formação de uma mentalidade puritana que relativiza o perdão e a correção fraterna como mandamentos do Senhor.

A seguir, apresentamos o quadro sintético que mostra os elementos permanentes da transmissão da fé, em uma leitura contextual de At 2,42-47. O horizonte e a meta é o Reino de Deus:

QUADRO 1 – Elementos da transmissão da fé no contexto de At 2,42-47

Comunidade primitiva de Jerusalém	PÁSCOA	Reino de Deus (meta)
- Inaugurada na Páscoa e Pentecostes; Provisoriamente: aguardo da <i>Parusia</i> por meio da perseverança; Ações fundamentais: a pregação da Palavra, a celebração do culto, das orações e a vida fraterna (caridade); Ministério: apóstolos: pais na fé; oferecem a regra da comunidade; Transmissão da fé de modo querigmático, familiar e pascal; Modo de existência: liberdade, criatividade e obediência no Espírito; “Ainda não” do Reino: o pecado de Ananias e Safira (At 5,1-11).		- Consumado na <i>Parusia</i>; - A caridade permanece (1 Cor 13); - Deus manifesta plenamente sua paternidade; - Modo de existência: comunhão com a Trindade na plena liberdade de filhos e filhas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Vê-se que as ações e estruturas de transmissão da fé da comunidade primitiva antecipam e, de algum modo, reproduzem a realidade do Reino em caráter de provisoriedade. Isto é, expressam a comunhão do Reino e a paternidade de Deus àqueles que caminham na penumbra da fé.

2 Comunidades transmissoras da fé na história

Nesta seção, vamos elucidar três cenários comunitários de transmissão da fé, inspirados na primeira comunidade cristã de Atos dos Apóstolos, para, em seguida, articulá-los com a noção de Igreja diocesana. O objetivo é perceber como as ações e estruturas de transmissão da fé presentes na comunidade primitiva se perpetuam de um modo institucional, preservando, ao mesmo tempo, a vivacidade dos carismas na vida das pequenas comunidades. Os dois primeiros cenários de vida comunitária são paradigmáticos para a Igreja: as *domus ecclesiae*, nos séculos II a IV, e o monasticismo cristão. O terceiro cenário é o das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), descritas pela Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968). Por constituir um estilo de vida comunitária muito relevante na América Latina, a comparação das CEBs de Medellín com os cenários comunitários tradicionais pode contribuir para a percepção do modo *sui generis* como as CEBs transmitem a fé.

2.1 A *domus ecclesiae* e a conotação familiar da transmissão da fé nos séculos II a IV

Nesse período, a Igreja estruturou-se nas casas (*domus ecclesiae*) e era tendencialmente presidida pelos bispos. A estrutura de casa favorecia a acolhida e a vivência fraterna dos cristãos. A *domus ecclesiae* era uma casa grande, pertencente a alguma família de posses que havia se convertido ao cristianismo e que colocava à disposição o seu lar para os serviços do culto, da catequese e da caridade. Na sala maior, encontrava-se a cátedra episcopal, de onde o bispo presidia as celebrações. A pia batismal podia se encontrar em uma outra sala, devidamente ornamentada.

Nessa dinâmica familiar, os bispos se assemelhavam a um *paterfamilias* romano, chefe de uma família alargada, que continha os presbíteros e diáconos. O bispo, pai espiritual da comunidade, era o primeiro responsável por acolher e iniciar os convertidos à fé cristã (Castellucci, 2009, p. 134-138).

É importante mencionar que o bispo, enquanto sucessor dos apóstolos, não era apenas o pai da comunidade, mas também constituía o ponto de unidade com as demais Igrejas locais unidas à Igreja de Roma. Este senso de catolicidade fazia com que as *domus ecclesiae* não caíssem em uma espécie de "intimismo comunitário", mas se sentissem parte de uma família mais ampla, a Igreja universal (Castellucci, 2009, p. 140-141). Na relação entre Igreja universal e Igreja local, os participantes da comunidade tinham consciência de estar inseridos no paradoxo da Igreja povo-família: a Igreja era ao mesmo tempo uma comunidade universal aberta a todos, homens e mulheres, escravos ou livres, e uma família na qual ninguém se sentiria órfão ou sem irmãos. Dentro desse sistema se desenvolveu o catecumenato, enquanto processo comunitário gradativo de inclusão de uma pessoa no mistério de Cristo e da Igreja. O ideal de conversão dos catecúmenos para a realidade do Reino, em dinâmica pascal, marcava todo o processo.

2.2 Comunidades monásticas e o ideal da comunidade primitiva

Do século IV em diante, com o cristianismo se tornando a religião do Império, as Igrejas locais aumentaram consideravelmente o seu aparato institucional. Surgiram as paróquias e os bispos se tornaram figuras mais administrativas, de supervisão da pastoral, sem a proximidade de outrora. O sistema do catecumenato comunitário foi substituído gradativamente pelo catecumenato social, no qual a família passava a cumprir um papel determinante (Castellucci, 2009, p. 151-154). Além disso, o fervor da fé e o senso de fraternidade eclesial diminuíram, gerando uma crise dos valores éticos na nova sociedade cristã. Essa situação de decadência propiciou a expansão e

a consolidação de um fenômeno de renovação do cristianismo, chamado de monaquismo.

Os mosteiros eram formados originalmente por um pequeno número de pessoas. A intenção deles era reviver a experiência da primeira comunidade de Jerusalém, descrita nos Atos dos Apóstolos e assumida como norma e exemplo (Bo, 1988, p. 366). O abade é o pai da comunidade e o responsável por manter viva a regra monástica e o amor às Escrituras. Em muitos lugares, os mosteiros cumpriam as funções da paróquia na evangelização dos povoados. O abade, mesmo sem ser ordenado bispo, realiza boa parte das funções episcopais, algo que revela o mosteiro como uma Igreja quase completa em seus aspectos institucionais. Vislumbra-se, como na *domus ecclesiae*, um ambiente familiar de transmissão da fé, com acompanhamento espiritual personalizado. Assim, a Igreja conheceu nos monges o modelo mais elevado de santidade da época.

2.3 Comunidades Eclesiais de Base na Conferência de Medellín

Daremos um salto na história para analisar brevemente um terceiro cenário de pequena comunidade que também tem sua inspiração no ideal da comunidade primitiva de Atos dos Apóstolos. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) não possuem o mesmo valor paradigmático para a Igreja como as formas comunitárias descritas anteriormente, mas são um marco importante para a evangelização na América Latina. Essas comunidades desenvolveram-se a partir da década de 1960 e foram promovidas na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín. Naquela ocasião, os bispos, buscando aplicar o Vaticano II de maneira criativa, concederam o *protagonismo* evangelizador aos fiéis leigos para se organizarem em pequenas comunidades. Tais comunidades estão centradas na escuta da Palavra, na vida fraterna e na transformação profética da realidade social, bem como são dependentes dos bispos e devem participar da celebração eucarística o quanto for possível (CELAM, 2010, documento Pastoral Popular, n. 13).

Como acontece com os outros cenários de

comunidade anteriormente mencionados, o método de transmissão da fé ocorre em ambiente familiar. São chamadas de "família de Deus" e "célula inicial da estruturação eclesial" (CELAM, 2010, documento Pastoral de conjunto, n. 10). Os líderes leigos, que acompanham de perto os membros da comunidade, precisam ter maturidade espiritual e moral, exercendo, portanto, uma paternidade/maternidade espiritual.

Unido ao aspecto familiar, deve-se acrescentar uma dinâmica pascal na transmissão da fé. Segundo as orientações gerais das Conclusões de Medellín, entende-se que as CEBs precisam realizar a libertação de situações menos humanas, como a miséria e a ignorância religiosa, para mais humanas. Quer-se uma libertação integral do homem todo e de todos os homens (CELAM, 2010, documento Introdução, n. 6), e a catequese contribui grandemente para isso. Quando centrada na Palavra e atenta às situações históricas, favorece "possibilidades de uma libertação plena" e "integral em Cristo, o Senhor" (CELAM, 2010, documento Catequese, n. 6). Essa dinâmica pascal, de contornos históricos e existenciais, é uma marca da transmissão da fé nas CEBs.

O desdobramento existencial da Páscoa cristã em Medellín foi importante para superar um déficit de transmissão da fé no novo contexto das grandes periferias das cidades. Não é o caso de fazermos uma análise da crise da iniciação cristã nas décadas de 1960, 1970 e 1980 no Brasil, porém aludimos para o fato de que as grandes massas migratórias das zonas rurais para as cidades não encontraram um ambiente religioso e devocional como o do interior brasileiro. Além disso, muitos passaram a viver em situações de miséria. Conforme Medellín, era urgente fazer com que essas populações fizessem uma profunda experiência da Páscoa, não apenas na celebração dos sacramentos, mas em todas as dimensões da vida, superando as situações de exclusão social, econômica e religiosa. Aqui, as CEBs, salvo exceções, se tornaram um lugar favorável para a transmissão da experiência cristã entre os migrantes e pobres, por meio da fraternidade, da leitura contextualizada da Palavra de

Deus e do engajamento social.

A aplicação das orientações de Medellín foi ampla e bem-sucedida, não obstante exageros e interpretações ideologizantes que se fizeram presentes no ambiente turbulento da Ditadura Militar na América Latina. Nesse sentido, a III Conferência do Episcopado em Puebla (1979)

buscou corrigir os erros por meio do reforço dos elementos institucionais, como a afirmação do senso de pertença dessas comunidades à diocese.

Abaixo, apresentamos uma síntese dos cenários de vida comunitária anteriormente apresentados e seus respectivos modos de transmitir a fé:

QUADRO 2 – Cenários de vida comunitária e a transmissão da fé

Domus ecclesiae (séc. II-IV)	Monaquismo (séc. IV)	CEBs (séc. XX e XIX)
• Formato familiar; • Local: casas; • Ministérios: Bispo – pai na fé; presbitério e diáconos; • Forte senso de provisoriidade das instituições e aguardo da <i>Parusia</i>; • Forte senso do “nós batismal”; • Transmissão da fé – catecumenato; testemunho de fé e caridade.	• Formato familiar; • Local: Mosteiros; • Ministério: Abade – pai na fé (cumpre a maioria das funções do bispo); • Forte senso de provisoriidade do mundo – <i>Fuga mundi</i>; • Consagração radical – para alguns; • Transmissão da fé – <i>Lectio</i>; liturgia; acompanhamento espiritual; promoção da cultura cristã; caridade.	• Formato familiar • Local: casas ou salões comunitários; • Ministérios: Liderança leiga ou religiosa, sob o vínculo do bispo; • Forte relação com a sociedade – busca-se a sua transformação (utopia do Reino na Terra?); • Forte senso do “nós batismal”; • Transmissão da fé – Leitura da Palavra; catequese libertadora (integral); testemunho de fraternidade; engajamento nas realidades terrenas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

3 Igreja local e a transmissão integral da fé para todos

Nas seções anteriores, ressaltamos, por meio de recortes históricos, o papel de primeira grandeza das pequenas comunidades na transmissão da fé, tendo como pano de fundo a análise teológica do primeiro sumário da comunidade primitiva de Jerusalém. Nesta seção, vamos apresentar os elementos constitutivos da Igreja local, conforme os ensinamentos do Concílio Vaticano II, e a sua relação com a transmissão integral da fé para os povos.

3.1 Redescoberta da Igreja local e da tarefa comunitária de ensino da fé

Hoje, fala-se de modo espontâneo sobre a transmissão da fé dentro de um processo comunitário. Talvez, boa parte dos fiéis não se deem conta de que, entre o século XVI e a primeira metade do século XX, o modelo comunitário

de ensino da doutrina era estranho à cristandade, acentuando-se, de modo contrário, uma transmissão em formato fortemente institucional, uniforme e envolto em uma compreensão jurídica. Isto se deveu sobretudo aos embates com os protestantes, que desqualificavam a compreensão católica dos ministérios e dos sacramentos. Entre os católicos, os atos de ensino da doutrina se concentraram sobre o pároco, demais presbíteros e religiosos, nas instalações paroquiais e escolares, evitando-se o referimento às tarefas proféticas dos pais ou de outros membros leigos da comunidade. O Catecismo tridentino, ou *Catechismus ad parochos*, reflete essa posição passiva da comunidade de fiéis (Castellucci, 2009, p. 179-181). Nesse contexto, a diocese tem um poder reduzido no que tange à organização evangelizadora do seu território, pois era tida como incompleta e subordinada à Igreja universal.

Foi o Concílio Vaticano II, apoiado pelos estudos de renovação eclesiológica de escolas, como Tubinga e Roma, que operou uma síntese criativa entre a teologia do primeiro e do segundo milênio, superando o institucionalismo eclesial do período anterior. A nova consciência eclesial esteve fundamentada na recuperação da: a) teologia batismal do povo de Deus; b) teologia do episcopado; c) eclesiologia eucarística (Gomes; Fernandes, 2024, p. 435).

O movimento de renovação eclesiológica também fortaleceu a Igreja local, tornando-a mais cônica do seu protagonismo na missão. A Igreja local/particular, presidida pelo bispo, possui todos os elementos necessários para manifestar *in loco* a Igreja una, santa, católica e apostólica de Cristo, estando em comunhão com o bispo de Roma⁵. Logo, a Igreja particular é expressão fiel e plena da Igreja universal. Como disse Pedro Damiani (1007-1073), a Igreja "é toda no todo, e toda em qualquer parte"⁶, pois o mistério de Cristo – garantidor da eclesialidade – realiza-se plenamente em cada comunidade eucarística local presidida pelo bispo (LG 26). Recupera-se o papel central do episcopado na condução da comunidade diocesana, valorizando-se os seus múnus de governo, de culto e de ensino, como acontecia no primeiro milênio.

3.2 Elementos da teologia da Igreja local⁷

No Decreto *Christus Dominus*, os padres conciliares definem os elementos essenciais da Igreja local ou diocese:

Diocese é a porção do Povo de Deus que se confia aos cuidados pastorais de um bispo, coadjuvado por seu presbitério, para que, unida ao seu Pastor, e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica (CD 11).

Analisemos brevemente os elementos consti-

tutivos da diocese presentes na definição acima:

- "Porção do povo de Deus": é o elemento primeiro, com o qual se evidencia que todo o povo de batizados de determinada diocese/prelazia é sujeito ativo e não simples receptor de prescrições provindas da cúria romana. O uso do termo "porção" (*portio*), ao invés de "parte" (*pars*), possibilita a compreensão dessa maior autonomia e proatividade, pois *portio* indica que esse determinado povo "conserva todas as qualidades e propriedades do conjunto" da Igreja universal (PIÉ-NINOT, 2008, p. 356). Assim, a porção do povo de batizados, reunida pelo anúncio do Evangelho, exerce plenamente a missão real, profética e sacerdotal da Igreja de Cristo *in loco*, está em comunhão com as demais Igrejas e formam juntas um povo único e universal, composto por diferentes raças, culturas e condições sociais (LG 13).
- "Espírito Santo": Ele está na origem da Igreja, no evento de Pentecostes (At 2, 1-41). A presença do Espírito manifesta que esse povo é constituído "do alto", e não por mera vontade humana. O Espírito atua animando esse povo e lhe é, junto à Eucaristia, o vínculo de unidade, assim como suscita diferentes carismas para a edificação da Igreja (LG 4 e 12), conduzindo-a para a missão de fazer crescer o Reino de Deus até a sua consumação no final dos tempos (LG 5, 17; AG).
- "Evangelho" e "Eucaristia": são, por excelência, os elementos sacramentais pelos quais Cristo, no Espírito, se faz presente na comunidade. O Evangelho, que é o núcleo da Palavra de Deus, não apenas faz memória das ações de Deus em Cristo, mas as atualiza na vida do povo. É, portanto, uma palavra eficaz. De outra parte, a Eucaristia é a mais alta realização sacramental da Palavra salvadora de Deus para a humanidade, que é o próprio Jesus Cristo. Os parti-

⁵ No número 23 da *Lumen gentium* define-se: a "Igreja particular, [é] formada à imagem da Igreja universal, nas quais e a partir das quais resulta a Igreja católica una e única".

⁶ "Est tota in toto, et tota in qualibet parte" (PL 145, 236).

⁷ Uma parte desta subseção foi replicada do artigo escrito em parte pelos autores Gomes e Fernandes (2024, p. 437-438).

cipantes da assembleia eucarística se alimentam de um único pão, o Cristo, para se tornar um só corpo com Ele (1 Cor 10,16s). Na Eucaristia, a Igreja se torna o que ela é chamada a ser em sua identidade mais profunda: o sacramento de Cristo e do seu Reino para o mundo (SC 48; LG 11).

- "Bispo, coadjuvado pelo presbitério": o Vaticano II afirma que, por meio do bispo, a Igreja local mantém-se na apostolicidade e na catolicidade, visto que ele é um sucessor dos apóstolos (LG 20). Ele também é "princípio e fundamento visível de unidade na sua Igreja particular" (LG 23) e, como "vigário de Cristo" em sua diocese, governa-a com "poder próprio, ordinário e imediato" (LG 27). Essa real valorização do ministério episcopal, contudo, não permitiu sobrepor a dignidade do episcopado à do sacerdócio batismal de todos os fiéis, pois, no dizer do próprio Concílio, "reina entre todos [fiéis] verdadeira igualdade" (LG 32). Desse modo, os ministérios episcopal e presbiteral não são entendidos em termos de *status* e de privilégio, mas de serviço na pessoa de Cristo pastor para a edificação da comunhão eclesial.

Quando relacionamos os elementos constitutivos da Igreja local com a pequena comunidade, concluímos que essa última é importante, mas insuficiente para garantir a transmissão da fé de modo integral. Afinal, não existe uma comunidade eclesial que seja puramente carismática, sem ministérios estáveis, feita só de fé e de amor entre seus membros. Se desvinculássemos a pequena comunidade de uma comunidade maior (diocese), correríamos o grave risco de transformar essa pequena comunidade em uma seita. A diocese garante a unidade com a Igreja universal e é a responsável por manter no decorrer dos tempos uma missão organizada e fiel à Tradição apostólica.

4 Pequena comunidade transmissora da fé

Voltamos à questão fundamental de nossa pesquisa, que é a pergunta pela eficácia da (re) iniciação à fé da pequena comunidade dentro da organização institucional diocesana. Para responder a isso, vamos definir o que é a pequena comunidade e, em seguida, verificar quais elementos constitutivos da diocese se fazem presentes com maior vigor nessa pequena comunidade, de modo que possamos enxergar melhor as suas potencialidades no quesito de (re)iniciação à fé.

No concernente à definição de comunidade, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em seu documento *Comunidade de comunidades* (2014), oferece uma resposta ao debate brasileiro sobre o tema em questão. Nele, os bispos dão primazia a uma definição teológica que é necessariamente apoiada por outra de cunho sociológico. A definição teológica valoriza os elementos comunitários e místicos da Igreja Diocesana (CD 11), como a condição batismal dos fiéis, e não cita os ministérios ordenados⁸. O aspecto sociológico é levado em conta quando os bispos afirmam a necessidade de as pessoas que compõem a comunidade paroquial se conhecerem e criarem vínculos entre si, por meio da formação de pequenas comunidades (CNBB, 2014, n. 244-256). Para a sociologia, não há verdadeira comunidade se não houver vínculos reais entre as pessoas. Nesse sentido, as reuniões litúrgicas nas paróquias que comportam grande número de fiéis, se não forem acompanhadas de iniciativas que favoreçam a partilha de vida, falharão nesse quesito prático. O documento *Comunidade de comunidades* (CNBB, 2014) não chega a definir o número máximo de pessoas em cada pequena comunidade, nem mesmo estipula quais serão suas atividades internas de iniciação à fé. O que não pode faltar é o espírito de comunhão evangélica que as anima, sem o qual as técnicas de transmissão de conteúdos

⁸ Segue a definição do documento *Comunidade de comunidades* (CNBB, 2014, n. 170): "Teologicamente, a palavra *comunidade* significa a união íntima ou a comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade. Essa comunhão se realiza fundamentalmente pelo Batismo e pela Eucaristia. Assim, a comunidade participa da vida divina na partilha de vida fraterna ao comungar na mesma mesa, ao professar a mesma fé recebida dos apóstolos, ao testemunhar a caridade que revela o amor salvífico de Deus para a humanidade".

da fé sucumbirão.

Abaixo, apresentamos um quadro esquemático contendo uma coluna central sobre os elementos constitutivos da diocese e outra coluna de

cunho valorativo, que indica o quanto a pequena comunidade expressa ou comporta cada um dos elementos diocesanos:

QUADRO 3 – Valoração da pequena comunidade em relação à diocese

	DIOCESE Elementos constitutivos	PEQUENA COMUNIDADE Valoração dos elementos diocesanos
Acento pneumatológico	PORÇÃO DO POVO DE DEUS	FORTE
	EVANGELHO	FORTE
	ESPÍRITO SANTO	FUNDAMENTO MISTÉRICO
Acento cristológico	MINISTÉRIO EPISCOPAL	Bispo apenas supervisiona e incentiva; há serviços ligados ao ministério episcopal.
	EUCARISTIA	Membros participam na comunidade maior.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Tendo em vista que a Igreja peregrina tem a sua fonte e sustento em Deus Trindade, fizemos uma distinção, neste quadro, entre os elementos que possuem um acento cristológico e os que possuem o acento pneumatológico. Não há uma divisão entre Cristo e o seu Espírito – as duas pessoas divinas são um só com o Pai –, mas se percebe, na constituição da própria Igreja, elementos que manifestam de modo peculiar o Verbo encarnado e, outros, a forma de ação do Espírito. Yves Congar (1971) chamava a atenção para o fato de que os elementos institucionais tendem a manifestar o princípio cristológico da Igreja, por serem expressão da encarnação de Cristo continuada na comunidade de fiéis. Assim, o ministério episcopal, que é performado pelo Espírito, é representação do Cristo mestre, pastor e pontífice para a comunidade (LG 21). A eucaristia, por sua vez, é o sacramento no qual o próprio Cristo, pelo Espírito, se faz sacramentalmente presente, alimentando a comunidade cristã. Já o acento pneumatológico é inteligível a partir do sacerdócio comum dos fiéis batizados. No Batismo, todos recebem o Espírito e se tornam aptos a exercerem a missão profética, sacerdotal e régia do povo de Deus. O modo de exercício do sacerdócio comum na pequena comunidade se dá em uma dinâmica menos institucional; é mais pautada na valorização dos carismas e do *sensus fidelium*. A instituição eclesial, na pessoa

do pároco, orienta as pequenas comunidades, mas quem assume o protagonismo são os fiéis leigos(as). São sobretudo eles quem, meditando a Sagrada Escritura, fazem um discernimento da vontade de Deus sobre o que precisam para se converter e o que podem realizar para que o Evangelho seja propagado na realidade em que vivem. No caso contrário, a constatação de uma vida fraterna frágil nas bases revelaria uma Igreja enrijecida pela burocracia, na qual o sopro do Espírito de Cristo é pouco perceptível.

4.1 Pequenas comunidades “populares” e “disciplinares”

Aprofundando a distinção entre o acento pneumatológico e o cristológico dos elementos constitutivos da diocese, mostramos, no mesmo quadro esquemático, que a pequena comunidade manifesta com grande força os elementos “popular” e “disciplinar” da Igreja diocesana. A fortaleza desses elementos – de acento pneumatológico – concede às pequenas comunidades um papel revitalizador de primeira grandeza na transmissão da fé na diocese.

Quanto ao elemento “popular”, a pequena comunidade é o local privilegiado de visibilização da Igreja local como povo de Deus em meio aos povos. Como afirmado, os fiéis leigos, reunidos em grupos fraternos da Palavra, assumem com maior lucidez o seu papel de sujeitos da ação eclesial

no território diocesano. Assim, questionam uma concepção eclesial, disseminada no senso comum, de que a Igreja é simplesmente o clero.

De outra parte, transmitem a fé de modo inculturado, manifestando o rosto da população local. São comunidades inculturadas e inculturadoras, pois, acolhendo o Evangelho, não o fazem de modo puro, sempre unindo vivências antes existentes e as ressignificando pelo Evangelho. Assim, inculturam o Evangelho de modo espontâneo, ao mesmo tempo em que confrontam os valores do Evangelho em novas realidades próximas a elas, contribuindo para a transformação da realidade segundo os critérios do Reino. Um exemplo disso é a forma sinodal com a qual buscam viver em meio à sociedade polarizada e fragmentada (Gomes; Fernandes, 2024, p. 445-446).

No que diz respeito ao aspecto "discipular", este tem a sua base, na prática, na leitura e meditação da Palavra de Deus, feita nos encontros das comunidades. A leitura assídua da Palavra garante a visibilização da dinâmica discipular da Igreja local, não restringindo as ações das paróquias à celebração dos sacramentos e à catequese de iniciação cristã. Então, as comunidades ajudam a manifestar o rosto da Igreja local como "mãe", sempre disposta a acolher e educar novos filhos na fé. Nesse sentido, as pequenas comunidades podem contribuir muito para a iniciação à fé com adultos, na medida em que a pequena comunidade captar novos membros e os educar na fé (Gomes; Fernandes, 2024, p. 442-443).

4.2 Conversão das estruturas e dos sujeitos da Igreja diocesana

Nesta última parte, apontamos algumas pistas práticas para a consolidação das pequenas comunidades como espaços de (re)iniciação à vida cristã, de modo sinodal e inculturado. Como afirmado, a pequena comunidade possui um ambiente favorável ao discipulado. Contudo, esse ambiente propício não é garantia, por si só, de que o discipulado irá naturalmente se desenvolver e transbordar em missão. Há processos de conversão de mentalidade e de estruturas que precisam ser feitos, tanto em nível interno quanto

externo à comunidade. Abaixo, elencamos alguns processos de conversão:

1º) Conversão dos sujeitos ao discipulado missionário em pequenas comunidades: a Conferência de Aparecida acentuou, como passo decisivo da conversão pastoral, a conversão dos sujeitos ao discipulado missionário (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007, n. 14, 21, 131-140, 366-370). O autêntico discipulado se dá de modo comunitário e está centrado na Boa-nova do Evangelho. Pessoas convertidas ao seguimento de Jesus são realmente engajadas na vida comunitária e abertas para a missão, especialmente junto aos mais necessitados e excluídos. Por vezes, há comunidades e movimentos eclesiais autorreferenciais, voltados sobretudo para o bem-estar dos seus membros. Por conta disso, facilmente se deixam convencer por discursos ideológicos que soam agradavelmente nos próprios ouvidos, mas que são alheios aos valores do Evangelho, a exemplo dos discursos da teologia da prosperidade.

De outra parte, há assembleias litúrgicas marcadas por uma concepção de comunidade que chamamos de "rebanhão". Como tende a existir muitos fiéis participantes nesses lugares, estabelece-se facilmente um clima de anonimato, mesclado à sensação de segurança, pelo fato de esses participantes fazerem parte de um grupo religioso majoritário no país. Não se tem, nessas assembleias, a preocupação de acolher bem as pessoas que chegam à comunidade, nem de visitar aquelas que não compareceram mais às missas. Afinal, em grupos numerosos, a tendência é enxergar as pessoas apenas como conhecidos, mas nada muito além disso. A lógica paroquial do "rebanhão" não favorece a evangelização em nossas cidades secularizadas e excludentes. O que fazer? É preciso abandonar com urgência tal concepção e internalizar a lógica do "pequeno rebanho", mas numa dinâmica missionária do Reino, conforme a parábola do grão de mostarda. Nessa lógica, cada pessoa é importante e precisa ser acolhida e cuidada. A mentalidade do "pequeno rebanho" pode ser assumida até mesmo em uma comunidade numerosa, desde

que se tenha consciência da própria fragilidade e se confie na fortaleza de Cristo Bom Pastor, de modo que a dependência a Ele e à sua vontade misericordiosa constituam o imperativo absoluto da comunidade. Não obstante a necessária internalização dessa espiritualidade do Cristo Bom Pastor, é fato que a criação de pequenas comunidades contribui bastante para que os fiéis compreendam na prática o que é a lógica do "pequeno rebanho" e a assumam.

2º) *Nova formação em estilo catecumenal, dada em três níveis*: é comum que as formações paroquiais sejam dadas de modo esparso, fragmentado e reduzido à transmissão de conteúdos. Uma nova formação, conforme a proposta da Conferência de Aparecida (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007, cap. 4, 5 e 6), possui estilo catecumenal e comunitário: integra conteúdos e experiência de fé; une o conhecimento da Palavra aos ritos e à vida fraterna, conforme o relato de At 2,42; é feita de forma gradual, assumindo métodos e pedagogias interativas, que fomentam o espírito comunitário. Em um primeiro nível, mais especializado, citamos a formação para os líderes das pequenas comunidades. A formação teológica, fundada na eclesiologia do Vaticano II, é integrada a uma prática que promove a acolhida, a sinodalidade, o diálogo e o ecumenismo. Em um segundo nível de formação, está a criação de itinerários formativos para os membros das pequenas comunidades; itinerários sempre centrados na meditação da Palavra, na oração e na caridade. Nesse nível, acontece uma (re)iniciação à fé em estilo catecumenal, apenas sob o ponto de vista existencial, visto que não se pode falar de iniciação sacramental para aqueles que já receberam o batismo, a crisma e a eucaristia (Reinert, 2018, p. 136-137). Assim, para quem não foi iniciado na metodologia catecumenal, é necessário que siga esse método, a fim de experienciar os processos de iniciação na sua integralidade. No terceiro nível, o mais básico de formação, está a iniciação para os novos membros das pequenas comunidades. As melhores atenções são dadas a eles. Para os adultos, a catequese é ministrada

conforme o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), complementada pelos encontros com a pequena comunidade e com as liturgias da comunidade maior. A pequena comunidade envolve-se diretamente na preparação dos catecúmenos, ajudando-os no processo de conversão e adesão ao Evangelho.

3º) *Conversão dos ministérios*: os ministérios ordenados precisam assumir a forma comunal do sacramento da ordem de modo mais radical, abandonando a figura do *herói solitário*, presente na mentalidade de seminaristas e clérigos. No Novo Testamento, sabemos que a salvação vai ocorrendo de modo comunitário. São Paulo, apóstolo das gentes, obteve sucesso, em alguma parte, porque criou comunidades, redes de colaboração ministerial, e soube se apoiar nelas. Do mesmo modo, é salutar que os presbíteros creiam no potencial evangelizador das pequenas comunidades e promovam uma formação contínua dos fiéis leigos, capacitando-os para as diferentes missões que venham a assumir.

Considerações finais

A transmissão da fé cristã realiza-se de um modo que chamamos de "complexo", tendo como sujeitos o Espírito Santo e a comunidade cristã. Vimos que a Palavra, os ministérios e os sacramentos são instrumentos (mediações) do Espírito. É Ele quem garante a experiência do encontro com Jesus Cristo e a entrada no seu Reino.

A experiência fundamental do cristianismo – a Páscoa – tem o seu lugar ordinário de realização na grande Igreja diocesana, sob a assistência do bispo e a participação nos sacramentos. Porém, esta experiência não seria tão bem-sucedida se não houvesse comunidades aconchegantes, de traços familiares, conforme o relato de At 2,42-47 e as formas comunitárias acima descritas. Nos encontros informais das pequenas comunidades, os fiéis partilham as experiências de luta contra o pecado (pessoal e social), a doença e a morte; recebem apoio, ajuda e orações; unem-se na mesma causa; e, ao perceberem a "vida nova" acontecendo nessas partilhas, dão-se conta da presença misteriosa de Jesus Cristo no "já" e no

"ainda não" do seu Reino. Assim, a pequena comunidade permite que a experiência fundamental do cristianismo aconteça de modo espontâneo entre os fiéis e contribui para que a transmissão da fé seja percebida, mais do que como uma iniciação a doutrinas, como uma vivência comunitária em Cristo, pneumatologicamente mediada. Todas as metodologias e técnicas de iniciação à vida cristã estão subordinadas a esse tipo de vivência e de mediação.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Tradução, com introduções e notas, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 12. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2012.

BO, Vicente. *Storia della parrocchia*. Roma: Dehoniane, 1988. (I secoli delle origini (sec. IV-V), v. 1).

CASTELLUCCI, Erio. Chiesa domestica: comunità radunata nella 'domus ecclesiae'. In: CASTELLUCCI, Erio; FABRIS, Rinaldo. *Chiesa domestica: la chiesa-famiglia nella dinamica della missione cristiana*. Milano: San Paolo, 2009. p. 131-150.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín*. Texto Oficial, 1968. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia, a conversão pastoral na paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos da CNBB, n. 100).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja, 7 dez. 1965. *Acta Apostolicae Sedis*, Cidade do Vaticano, v. 58, p. 947-990, 1966.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática Lumen gentium sobre a Igreja, 21 nov. 1964. *Acta Apostolicae Sedis*, Cidade do Vaticano, v. 57, p. 5-71, 1965.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum concilium sobre a sagrada liturgia, 4 dez. 1963. *Acta Apostolicae Sedis*, Cidade do Vaticano, v. 56, p. 97-134, 1964.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Christus Dominus sobre o ofício pastoral dos bispos na Igreja, 28 out. 1965. *Acta Apostolicae Sedis*, Cidade do Vaticano, v. 58, p. 673-701, 1966.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5., 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CONGAR, Yves. *Ministères et communion ecclésiale*. Paris: Cerf, 1971.

FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. Tradução de P. L. Cabra. São Paulo: Loyola, 1991.

FERNANDES, Rafael Martins. *Paróquia, comunidade de comunidades, na sociedade em transformação: um estudo no contexto das reflexões eclesiológicas da CNBB*. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção Teologia Hoje).

GOMES, Tiago de Fraga; FERNANDES, Rafael Martins. Igreja local e pequenas comunidades: um estudo no contexto das reflexões do Episcopado Latino-americano. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 56, n. 2, p. 427-452, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21768757v56n2p427/2024>. Acesso em: 30 jun. 2026.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.

MONTAN, Agostino. *Chiesa particolare: strutture e missione*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2007.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Ecclesiologia: la sacramentalità della comunità cristiana*. Brescia: Queriniana, 2008.

RATZINGER, Joseph. *Fraternità cristiana*. Tradução de Carlo Danna. Brescia: Queriniana, 2005.

REINERT, João Fernandes. *Inspiração catecumenal e conversão pastoral*. São Paulo: Paulus, 2018.

Rafael Martins Fernandes

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma. Coordenador do Curso de Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor na Pós-Graduação em Teologia dessa Instituição.

Endereço para correspondência

Rod. Tapir Rocha, n. 7100, Bloco F

Jardim Krahe, 94440-000

Viamão, RS, Brasil

Como citar este artigo

Fernandes, R. M. Igreja Local e pequenas comunidades na dinâmica da transmissão da fé. Teocomunicação, e50042. <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2026.1.50042>

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.